

LITTERATURA

LETRA VENCIDA

IV

Não percamos tempo. Beatriz não casou com o viço que lhe davam; não aceitou outro que appareceu no anno seguinte; mostrou uma tal firmeza e decisão, que encheu o pai de assombro.

Assim se passaram os dous primeiros annos. A familia de Eduardo voltou da Europa; este ficou, para tornar quando acabasse os estudos. « Se me necesse, ia já (dizia elle em uma carta á moça), as quero conceder isto, ao menos, a meu pai: concluir os estudos ».

Que elle estudava, é certo; e não menos certo é que estudava muito. Tinha vontade de saber, além do desejo de cumprir, naquella parte, as ordens do pai. A Europa offerencia-lhe tambem alguns recreios de diversa especie. Elle ia nas lérias á França e á Italia, ver as bellas artes e os grandes monumentos. Não é impossivel que, algumas vezes, incluisse no programa das artes e na classe dos monumentos algum amor de ordem passageira; creio mesmo que é o negocio liquidado. Mas, em que é que essas pequenas excursões em terra extranha lhe faziam perder o amor da patria, ou, menos figuradamente, em que é que essas expansões miudas do sentimento diminuiam o numero e a paixão das cartas que mandava a Beatriz?

Com effeito, as cartas eram as mesmas de ambos os lados, escriptas com igual ardo ás das primeiras semanas, e nenhum outro methodo. O methodo era de um diário. As cartas eram compostas dia por dia, como uma nota dos sentimentos e dos pensamentos de cada um delles, confissão de alma para alma. Parecerá admiravel que este uso fosse constante no espaço de um, dous, tres annos; que durasse cinco annos, sete annos? Sete, sim senhora; e mais. Mas fiquemos nos sete, que é a data do rompimento entre as duas familias.

Não importa saber porque brigaram as duas familias. Brigaram; é o essencial. Antes do rompimento desconfiaram os dous pais que os filhos tinham-se jurado alguma cousa antes da separação, e não estavam longe de concordar em que se casassem. Os projectos de cada um delles tinham naufragado; elles estimavam-se; nada havia mais natural do que alliam-se mais intimamente. Mas brigaram; veio não sei que incidente extranho, e a amizade converteu-se em odio.

Naturalmente um e outro pensaram logo na possibilidade do consorcio dos filhos, e trataram de afastal-os. O pai de Eduardo escreveu a este, já diplomado, dizendo que o esperasse na Europa; o de Beatriz inventou um pretendente, um rapaz desambicioso, que jámais pensaria em pedil-a, mas que o fez, animado pelo pae.

— Não, foi a resposta de Beatriz.

O pae ameaçou-a; a mãe pediu-lhe por tudo o que havia de mais sagrado, que accedesse ao noivo; mostrou-lhe que elles estavam velhos, e que ella precisava ficar amparada. Foi tudo inutil. Nem esse pretendente nem outros que vieram, uns por mão do pae, outros por mão alheia. Beatriz não illudia ninguém, ia dizendo a todos que não.

Um desses pretendente chegou a crer-se vencedor. Tinha qualidades pessoas distinctas, e ella não desgostava delle, tratava-o com muito carinho, e poderia ser que sentisse algum principio de inclinação. Mas

a imagem de Eduardo vencía tudo. As cartas delle eram o prolongamento de uma alma querida e amante; e aquelle candidato, como os outros, teve de recuar vencido.

— Beatriz, vou morrer dentro de poucos dias, disse-lhe um dia o pae; porque me não dá o gosto de deixar-te casada?

— Qual, morrer!

E não respondia á outra parte das palavras do pae. Eram já passados nove annos da separação. Beatriz tinha então vinte e sete. Via chegar o strinta com tranquillidade e a penna na mão. Não serião já diários as cartas, mas eram ainda e sempre pontuaes; se algum paquete não as trazia ou levava, a culpa era do correio, não d'elles. Realmente, a constancia era digna de nota e admiração. O mar separava-os, e agora o odio das familias; e além desse obstaculo, deviam contar com o tempo, que tudo afrouxa, e as tentações que eram muitas de um e outro lado. Mas apesar de tudo, resistiam.

O pae de Beatriz morreu dalli a algumas semanas. Beatriz ficou com a mãe, senhora achacada de molestias, e cuja vida naturalmente não iria tambem muito longe. Esta consideração deu-lhe animo para tentar os ultimos esforços, e ver se morria deixando a filha casada. Empregou os que pôde; mas o resultado não foi melhor.

Eduardo na Europa sabia tudo. A familia delle trasladou-se para lá, definitivamente, para o fim de o reter, e tornar impossivel o encontro dos dous. Mas, como as cartas continuavam, elle sabia tudo o que se passava no Brazil. Teve noticia da morte do pae de Beatriz, e dos esforços empregados por elle e depois pela mulher, viuva, para estabelecer a filha; e soube (pode imaginar-se com que satisfação) da resistencia da moça. O juramento da noite de 23 de Abril de 1861 estava de pé, cumprido, observado á risca, como um preceito religioso, e, o que é mais, sem que lhes custasse mais do que a pena da separação.

Na Europa, morreu a mãe de Eduardo; e o pae teve um instante idéas de voltar ao Brazil; mas era odiento, e a idéa de que o filho podia então casar com Beatriz, fixou-o em Pariz.

— Verdade é que ella não deve estar muito tenra... dizia elle consigo.

Eram então passados quinze annos. Passaram-se mais alguns mezes, e a mãe de Beatriz morreu. Beatriz ficou só, com trinta e quatro annos. Teve idéa de ir para Europa, com alguma dama de companhia; mas Eduardo contava então vir ao Rio de Janeiro arranjar alguns negocios do pae, que estava doente. Beatriz esperou; mas Eduardo não veio. Uma amiga della, confidente dos amores, dizia-lhe:

— Realmente, Beatriz, você tem uma paciencia!

— Não me custa nada.

— Mas esperar tanto tempo! Quinze annos!

— Nada mais natural, respondia a moça; eu supponho que estamos casados, e que elle anda em viagem de negocios. E' a mesma cousa.

Essa amiga estava casada; tinha já dous filhos. Outras amigas e companheiras de collegio tinham casado tambem. Beatriz era a unica solteira, e solteira abastada e pretendida. Agora mesmo, não lhe faltavam candidatos; mas a fiel Beatriz conservava-se como d'antes.

Eduardo não veio ao Brazil, segundo contava, nem naquella nem no anno seguinte. As doenças do pae aggravaram-se, tornaram-se longas; e nisto correram mais dous annos. Só então o pae de Eduardo morreu, em Nice, no fim de 1878. O filho arranjou

os primeiros negocios e embarcou para o Rio de Janeiro.

— Emfim!

Tinham passado dezoito annos. Posto que elles tivessem trocado os retratos, mais de uma vez durante esse lapso de tempo, acharam-se diferentes do que eram na noite da separação. Tinham passado a idade dos primeiros ardores; o sentimento que os animava era brando, embora tenaz.

Vencida a letra, era razoavel pagar; era mesmo obrigatorio. Trataram dos papeis; e dentro de poucas semanas, nos fins de 1878, cumprio-se juramento de 1861. Casaram-se, e foram para Minas, d'onde voltaram tres mezes depois.

— São felizes? perguntei a um amigo intimo delles, em 1879.

— Eu lhe digo, respondeu esse amigo observador. Não são felizes nem infelizes; um e outro receberam do tempo a physionomia definitiva, apuraram as suas qualidades boas e não boas, deram-se a outros interesses e habitos, colheram o fastio e a marca da experiencia, além da surdina que os annos trazem aos movimentos do coração. E não viram essa transformação operar-se dia por dia. Despediram-se uma noite, em plena florescencia da alma, para encontrarem-se carregados de fructo, tomados de hervas parasitas, e com um certo ar fatigado. Junte a isto o despeito de não achar o sonho de outr'ora, e o de não trazer consigo; pois cada um delles sente que não pôde dar a especie de conjuge que aliás deseja achar no outro; pense mais no arrependimento possivel e secreto de não terem aceitado outras allianças, em melhor quadra; e diga-me se podemos dizer os totalmente felizes.

— Então infelizes?

— Tambem não. Vivem, respeitam-se; não são infelizes, nem podemos dizer que são felizes. Vivem, respeitam-se, vão ao theatro...

MACHADO DE ASSIS.

VARIEDADE

A FELICIDADE NO LAR

Cartas de uma mãe a sua filha.

V

OS CREADOS

Vou hoje responder ás perguntas que me fizeste em tua ultima cartinha com respeito aos creados.

Vejo que por agora a escolha de uma creada é a tua maior preocupação.

Affiançam-te que uma boa creada é um thesouro difficil de achar.

Quero crer que succederá com a creada o mesmo que succedeu com a casa, isto é, que com vontade, perseverança e algumas concessões, acabarás por descobrir uma pessoa capaz.

Cumpre confessar que, si os bons servidores são raros, os amos que comprehendem os deveres que têm de cumprir para com esses individuos não são tambem muito numerosos.

Tanto de cima como de outra parte, o descontentamento é geral; ha resentimento em ambos os lados.

Ouço constantemente queixas amargas e accusações dos amos contra os creados:

— Os creados hoje, dizem, já não são o que eram; pouco lhes importam os nossos interesses; são exigentes e servem-nos mal.

Confesso que, nesta ladainha de recriminações, ha infelizmente muita verdade, e que semelhante situação ameaça tornar-se uma calamidade intoleravel.

Com taes creados, adeus tranquillidade do lar domestico! Para a dona de casa é um tormento continuo, uma existencia detestavel.

O que havemos fazer neste estado de coisas?

Si o mal continuar a aggravar-se, será necessario adoptar um expediente, que permita dispensar os creados.

O que diz a minha querida Branca?

Isso não seria precisamente do teu gosto, não é verdade?

Parece-me que estou a ouvir-te!

— Dispensar os creados!

Pois será possível? O que será então de nós? Havemos de occupar-nos com os trabalhos mais penosos, mais vulgares, mais desagradáveis de nossa casa?... Ha casas em que esse meio extremo é impraticavel.

— Sem duvida nenhuma. Mas, então, como sahir desta cruel alternativa da felicidade perturbada, quer por maus creados, quer pela privação dos seus serviços. Vejo apenas um meio razoavel a tentar. Seria pôr todo o empenho em tornal-os bons.

— Pela minha parte, não desejo outra cousa, responde tu; mas é que isso não depende só de mim...

— Talvez depende mais do que supões. No maior numero de casos, sinão sempre, os bons amos fazem os bons creados.

Ninguém achará creados verdadeiramente dedicados sinão tiver por elles um interesse affectuoso.

Eis a opinião de um pensador a este respeito:

« Os nossos creados tornaram-se nossos inimigos porque nos deixamos de ser seus antigos. »

Não temos aqui a palavra « amigo » na rigorosa accepção.

A substancia do pensamento não deixa por isso de ser menos verdadeira.

Si os nossos antepassados tinham servidores fieis e dedicados, é porque os consideravam como pertencentes á familia.

Succede hoje o mesmo?

Pretendem alguns ou quasi todos que os creados se tornaram muito exigentes.

Supponhamos que assim é.

Resta saber si não seria do nosso interesse fazer-lhes algumas pequenas concessões naquillo que se nos affigura pura exigencia.

Pois que está provado que a boa ordem, a economia, a segurança e a tranquillidade de uma casa dependem de algum modo da dedicação dos creados, não será de boa politica fazer sacrificios para alcançar uma dedicação tão precisa?

E' principalmente nas familias em que ha creanças ou moças solteiras, que seria urgente, sob os pontos de vista da educação e da moral, ligar uma séria importancia á honestidade e dedicação dos creados.

Quanto mais raros são os que possuem essas qualidades, tanto mais devemos, quando os descobrimos, testemunhar, por bons modos a estima em que os temos.

Digo « por bons modos » mas nunca por louvores. Para certos espiritos poucos cultivados os louvores produzem mau effeito.

Cnchem de orgulho os que os recebem, ao passo que os bons modos não fazem sinão abrir os corações á gratidão.

Si a dedicação exige estímulos, é principalmente nas classes em que as faculdades intellectuaes não desenvolvidas deixam largo campo aos instinctos materiaes.

POESIA

MAXIMA STELLA

Sois nos céu das mulheres errabundas
Bella estrella de maxima grandeza:
Senhora, todos julgam-vos princeza:
Mulher de tanta luz a esphera inundas!

Viestes de umas regiões profundas,
Que não conhece a nossa natureza;
Anjo na graça, e esculptural belleza,
São do ceu vossas fórmulas oriundas.

Basta, senhora, junto a vós me terdes.
Vergais, como um moital de flexas finas,
Para de mim com certo ardor colherdes

Beijos nos pés gentis, nas mãos divinas,
Nas esmeraldas desses olhos verdes,
Como n'agoa a saltar irmans ondinas.

(Das *Aspasiat.*)

L. DELFINO.



O REEL, DANÇA ESCOSSESA

HYGIENE

(Continuação)

Cada individuo nasce com uma organização e uma saude proprias.

Póde-se imprimir tanto a uma como á outra por meio do habito, varias modificações mais ou menos profundas; mas têm sempre uma propensão intima para retomar e reproduzir o typo que as caracteriza.

Faça-se o que se fizer, o bilioso será sempre bilioso, ou tornará a sê-lo logo que não estiver sujeito ás modificações que pareciam apagar o seu temperamento.

Dissemos pareciam intencionalmente, porque se podem evitar e prevenir os effeitos do temperamento bilioso, combater-lhe as aptidões ou as tendencias, mas nunca se chegará a substituí-lo totalmente na economia por outro temperamento exclusivo, bem caracterizado.

Os habitos são de duas espécies; bons ou maus.

Os paes não devem nunca abrir mão de uma

seus filhos, não só quando estes attingem a idade da razão, mas antes e depois, desde o momento em que nascem até á hora da virilidade ou até o dia do casamento.

A criança, facilmente, contrahe o habito de mamar muitas vezes de noite, si á mãe falta o bom senso e a firmeza para oppor-se a isso.

Tenho visto senhoras robustas morrerem phisicas, alquebradas pelo mau habito de darem o seio á criança e deixarem-a mamar toda a noite.

Muitas crianças teem o habito de urinar na cama. Quantas drogas não se obrigam muitas vezes esses desgraçadinhos a ingerir na esperança de os curar, como si não bastasse geralmente substituir um máo habito por um bom habito!

Quando a criança soffre dessa enfermidade, ponde-a duas ou tres vezes todas as noites, á mesma hora, no necessario e esperae que ella urine, ou que desperte, si a levantaram dormindo.

Quinze dias consecutivos de semelhantes pre-

infantis do que o poderiam fazer todos os medicamentos mais gabados: a agua fria, os adstringentes, os tonicos, a ergotina, etc.

A falta de acieo, os camaradas ou os criados viciosos fazem certos rapazes e raparigas contrahir habitos que lhes minam a saude. Cuidado, cuidado com vossos filhos! Vêde bem a quem os confiaes, vigiae os que brincam com elles!

O habito das bebidas fortes e do tabaco, o habito de articular mal as palavras, de empregar uma linguagem descomedida e nauseabunda; o habito de jogar, de frequentar os botiquins, de enganar paes, mestres, amigos, mentindo; e muitos outros são muitas vezes a consequencia da incuria dos paes, da sua ignorancia, do seu estouvamento, e digamol-o tambem não raro de seus máos exemplos!

A criança é como a cêra molle que toma a feição que se lhe quer imprimir. E' tambem um macaco maligno e malicioso que imita tudo o que vê fazer e ouve dizer.

Não basta mais exercer vigilancia sobre vos-



IZABEL, IMPERATRIZ DA AUSTRIA

Paula Candida.

pinho: No XIV; sala: No XVI do suppl. do No 22.

vós, sobre as vossas palavras e acções em presença delles.

Ha bons habitos, ou antes actos bons, honestos, uteis, recommendaveis, cuja pratica pôde ou deve exercer-se regularmente.

Ha ainda os *habitos profissionaes, climatericos*, que são em grande parte independentes da vontade, e que convêm respeitar ou dirigir.

Vê-se que a questão do habito é tão vasta como interessante.

O homem tem uma faculdade de accommodação aos tempos, aos lugares, ás profissões e regimens variados, que fizeram d'elle o ente cosmopolita por excellencia.

O ouvido habitua-se ao barulho continuo e intenso, a pelle ao frio e ao calor, os olhos aos vidros concavos ou convexos, o estomago aos alimentos mais exquisitos, os pulmões ao ar infecto dos esgostos como ao ar perfumado do Hymeto, todo o organismo ás intemperies das estações e das diferentes latitudes do globo.

O homem, depressa se affeição á atmosphera das epidemias mais contagiosas. E' por essa razão que é muitas vezes menos perigoso ficar nas localidades onde o cholera, a escarlatina, o typho, por exemplo, reinam ha algum tempo, que fugir para longe, durante o curso da epidemia.

DR. RICARDO C.

(Continúa)

VARIÉDADE

INFERIORES E SUPERIORES

A verdadeira superioridade se caracteriza pela urbanidade, a benevolencia, a polidez e fôge de tudo o que é commun e familiar.

Deve-se pois exigir das creanças uma grande polidez para com os creados e prohibir a familiaridade: tanto de um lado como de outro deve haver respeito.

O inferior, a quem superior não respeita, por sua voz bem depressa lhe vem a faltar com o respeito.

Confidencias ha que se não devem nunca fazer a um inferior: ha segredos que lhe não devem ser confiados; e principalmente deve a gente esforçar-se por lhe occultar as suas fraquezas e o seus defeitos.

No dia que tiverdes de corar na presença d'elle, não esperéis mais respeito.

Não ha grande homem para o seu creado de quarto; e é por isso que os creados julgam que tudo lhes é permittido.

Os superiores não devem nunca ordenar com formulas imperativas, nem omittir o *faça favor* e o *obrigado*.

Os nossos inferiores, que são nossos eguaes e ás vezes até nossos superiores em intelligencia, saber e capacidade, como, por exemplo, os secretarios, professores, empregados, devem ser tractados com eguaes; mas estes, pelo seu lado, devem saber guardar a distancia que existe entre a sua posição e a dos qua os empregam, distancia muitas vezes preenchido pelo talento e o saber.

Carlos Quinto apanhou o pincel de Ticiano, mas este inclinou-se profundamente e com humildade para o receber.

Não devemos esquecer tambem que não raro essas distancias são preenchidas pela idade e pelas enfermidades.

Um inferior não se sentará nunca na presença do seu superior, sem que este o convide com insistencia para fazel-o.

Os empregados, sejam quaes forem, não se devem apresentar sinão decentemente vestidos; uma professora não dará lieção em *robe de chambre* e sem estar penteada, ao passo que os seus discipulos poderão recebê-la sem grande apuro de trajo, posto seja melhor observo.

A polidez, que faz parte de toda a educação distincia e de toda a alma nobre, exige o respeito para com os superiores de idade ou de posição; testemunhando-o, em vez de se rebaixar, demonstra a gente a sua superioridade.

O melhor signal de superioridade está na humildade: lembremo-nos que—*Aquelle que se abaixa será elevada*.

(Continúa)

L. D'ALQ.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio.

A mais deliciosa temperatura, apenas bruscamente interrompida desde tres dias, retém ainda o Rio de Janeiro ao Rio de Janeiro.

Os mais apressados, os mais soffregos de ares camprestres e de bucolicos idyllios ainda são vistos na rua do Ouvidor, nos theatros, nas festas. . . Apenas o Sr. D. Pedro Segundo foi fazer um reconhecimento nas suas terras de serra-a-cima, e já voltou.

E realmente, até ante-hontem, pelo menos, não havia motivo para subir a serra.

Onde, com effeito, ir encontrar um Novembro mais fresco, mais agradável do que este que acaba de passar na Corte; nunca um verão foi tão ameno, tão benigno; o thermometro fluminense não tem segundo exemplo de igual frescura durante o penultimo mez do anno.

Que bellas noites, e que dias brilhantes! Na limpidez profunda d'um céu de turqueza, um sol resplandecente e benéfico brilha sem queimar; as flores brotam vigorosas, os jardins parecem paraizos perdidos.

Ja notaram como vai sendo florido este verão? Os flammejantes ostentam os seus ramalhetes cor de chamma com uma pujança admiravel; as magnolias de tom eburneo annunciam-se pelo seu penetrante perfume; as margaridas, como uma chuva de estrellas de prata, dão a sua nota alegre, neste concerto. E quanto cravo!

Os cravos! a flor de neve, a flor de purpura, a flor do matiz delicado, do perfume exquisito, penetrante que embriaga docemente! . . . Ellas tinham razão as grandes damas do seculo galante de prediligir o cravo com a mesma paixão das princezas indianas. Foi, um bouquet de cravos brancos no regaço que Lavalière aguardou o seu real amante.

E' preciso vê-lo, a verdadeira flor da paixão, as suas petalas regularmente dispostas e finamente recortadas como por mão de fada, a sua attitude meio inclinada e ao mesmo tempo briosa no elegante elangar-se da haste, a simplicidade da folhagem. E que pureza de côres, que variedade de tons!

Ora vivo, purpureo como labios apaixonados, ora niveo brandamente corado como um vaso de opala inferiormente illuminado, ora azul como aquelles que colheram Leandro e Romeu.

Mais do que a rosa, não parecem realmente os cravos tigrados sulcados pelo sangue de Venus? Que finura de desenho, que regularidade admiravel de matiz!

O reino do cravo parecia abafado pelo império tyrannico da rosa; mas eil-o que se levanta triumphante. Eram sobretudo cravos que embalsamavam terça-feira os salões da Sra. . . Saude, portanto, rei das flores.

E ha quem se suicida, quando a natureza é tão bella, e a vida tão cheia de encantos!

As leitoras da *Estação* já não estão de certo sem conhecerem a historia deste infeliz estudante que pôz termo à existencia no dia justamente em que devia pôr termo aos seus trabalhos do terceiro anno medico.

Seria receio do acto? Para muita gente o exame é uma cousa desagradabilissima; e é bem conhecida a replica do estudante que, lendo este epitaphio:

* Aqui jaz o capitão Ferrabraz que medo não teve jamais . . .

escreveu por baixo á carvão:

— E' porque nunca fez exame! Será este o caso do infeliz Custodio Guimarães? Depende quasi sempre de tão pouco o suicidio!

Vatel, o famoso cosinheiro do grande rei, não lhe chegando um dia tempo o peixe que elle planejara preparar de escabêche, traspassou-se o ventre com a sua faca de cosinha! Ha nada mais comico do que esse inglez que se suicida para mostrar «como um homem se mata»?

Era n'um hot-l, diz a chronica, o nosso herôe, sentindo movimentos dubios no quarto visinho, applicou a uma fresta um olho curioso, e pelo que viu, comprehendeu que o seu visinho estava em vias de se suicidar.

Ver um suicidio! apreciar os movimentos do louco que vae dar o salto mortal que leva da vida á morte. Que fortuna para um inglez!

Entretanto o suicidando não é tão louco como pôde pensar o inglez; elle toma a pistola, aponta . . . mas hesita. Hesita a primeira, a segunda, a terceira . . . vez.

Time is money, o inglez não pôde mais. D'um pontapé britannico, mette a porta do visinho dentro, toma-lhe a pistola: e

— *God d. . .!* Quer ver como um homem se mata? E zás! matou-se!

A eloquencia está em ferias. . . Fecharam-se as camaras, encerraram-se as conferencias da Gloria.

Pouco lhe importa á leitora a partida dos deputados e a ausencia dos senadores, não é?

E a mim então! Mas as conferencias da Gloria, essas tiveram a sua epocha e as suas apaixonadas.

Era do tom ir aborreci-se de vez em quando, á Gloria; e houve mesmo, segundo os cradoes que occupavam a tribuna, a divisão de domingos chics e domingos massantes.

As nossas mundanas perguntavam-se então, aos domingos, durante a missa,

— Hoje, é dia chic ou massante?

Pelos theatros. São sobretudo os beneficios que têm estado em moda. Eu pude contar até tres n'uma só noite! Não ha figurante, puxa-vistas, bilheiteiro, que não tenha tido a sua festa.

Distingamos, como na *Morquidinha*, as festas dos artistas, das especulações com folha de mangueira.

Sala brilhante, quinta-feira, no Theatro das Novidades. Dir-se-ia um pequeno canto do Pedro-Segundo nos seus tempos lyricos.

E' o beneficio da Sra. Ismenia, e o publico fluminense, este bom publico de que se diz entretanto muito mal, não esqueceu a homenagem que deve a uma das nossas melhores artistas, fiel sempre a sua arte, e jamais desanimada.

Representa-se uma peça italiana, bem feita, d'um autor de nomeada; mas que bem podia ser menos longa. Ha nos cinco actos do Sr. Ciconi—*Pecados velhos e penitencia nova*—os elementos necessarios a um bom drama; mas o assumpto não é novo, e o seu desenvolvimento é longo, demorado. O espectador, que o dramaturgo consegue entretanto interessar, acaba por fatigar-se.

Mas ha dois papeis importantes na peça, e isto seduzio e a beneficiada e o director, que aliás, cumpre confessar desempenharam-n'os muito intelligentemente. A Sra. Ismenia sobretudo, que sempre correcta, na posse do seu difficilissimo papel, foi mais d'uma vez além dos limites communs, dando relevo e colorido á personagem que representava. Eu seria injusto não notando tambem as suas bellas toilettes.

Os outros papeis são de pequena importancia, entretanto eu citarei sem constrangimento a Sra. Livia e o Sr. Euzenio de Magalhães—este um pouco de affectação á parte.

O palco ficou mais de uma vez juncado de flores, e ao terminar de cada acto, a beneficiada tinha de vir á scena agradecer os applausos da plateia entusiasmada.

Nem tanto se pode dizer do beneficio da Sra. Apollonia Phenix, que deslizou atravez d'uma frieza injusta e certamente, mas pertinaz.

A beneficiada é entretanto uma das nossas mais intelligentes artistas e o *Drama no alto mar* tem tudo o que é necessario para agradar ao publico: tramoiás, mortes, ressurreições, canções para rir, scenas para chorar, punição do crime, recompensa da virtude e sobretudo muita inverosimilhança, sem ser ainda uma obra litteraria!

O actor Galvão, que promettera uma peça nova do Dr. França Junior, deu-nos *Um typo brasileiro*, um acto do festejado autor nacional.

Tão nova como quizerem, a pequena comedia do Dr. França; mas as pilherias são com certeza muito antigas.

Para o beneficio do Sr. Xis o Bahia, o artista sympathico do Recreio, fôra annunciada a principio como original d'um Sr. S. Sebrão a comedia a *A praia vermelha*, que o annuncio declarou depois:

« Imitada para a scena brasileira ».

Que ninguem suspeite o Sr. Xisto Bahia de responsabilidade n'este engano; elle é assaz honesto para não entrar em taes combinações, e se annunciou a comedia como original, é o que o traductor a dera como tal, e só dep'is de leitura é que se reconheceu na sua originalidade a comedia franceza *A Charenton*.

Mas nem por ser traducção, a comedia do Sr. Salustiano Sebrão é peor.

Pelo contrario! Muito pelo contrario! é um bom acto alegre e espirituoso, que faz rir, a bom rir, e foi muito alegremente desempenhada.

Ainda bem.

J. DANTAS.

ISABEL

IMPERATRIZ DA AUSTRIA

E' a mais formosa soberana do mundo. Não era, por certo, nos esplendores das rendas e jóias hereditarias da corte que nos convinha apresental-a, mas no simples e sombrio traje das castellãs de outr'ora, guiando com altivez e denodo incomparavel um fogoso cavallo.

As grandes planicies da Hungria attrahem-na invencivelmente. Ahí organisa ella cavalladas dignas dos tempos idos com audacias de heroína; corre a galope á sombra das florestas selvagens e seculares, como as do novo mundo, saltando fossos, cercas e rios, afrontando os perigos, inebriada pelo ar puro e perfumado das selvas.

E' singular em nossa epocha essa belleza dos tempos fabulosos, como a fada benfazeja da Floresta Negra; seu corcel que tantas vezes, foge dos palacios, para sempre a porta das choupanas.

Preferindo as timidias acções de graças dos pequenos as homenagens dos grandes, é um limitivo para os que soffrem.

Es-e livre coração de mulher que palpita sob o trajo de amazona e que tanto sabe amar, guarda, em um esplendido escriptorio um pequeno bouquet de *edelweiss*, flor das montanhas, branca, humilde e delicada, gota de neve embalsamada, que os camponezes austriacos costumam trazer no peito em signal de amor; este pequeno bouquet foi-lhe offerecido pelo imperador Francisco José, quando noivo.

A imperatriz Isabel partiu ultimamente para Irlanda onde fez organizar grandes caçadas, entregando-se ao seu recreio predilecto. Não gosta do barulho, entretanto vive feliz no seio da floresta, perseguindo o veado e rodeada do estrondo das trompas, do latir dos cães e do galopar dos cavallos.

Apezar d'esses gostos, a mulher sempre transparece em graciosos detalhes. Todos os dias a princeza traz no corpinho tres rosas chá que lhe devem ser fornecidas em toda estação e esteja ella aonde estiver.

Quando o tempo não permite á soberana montar a sua egua predileta *Molda* e galopar nos campos, acompanhada de cães, encontra na bibliotheca com que encantar os seus sonhos.

A imperatriz tem a imaginação aventureira. Gosta dos poetas antigos, das lendas dos tempos idos, talvez porque ella poesia viva escapada de alguma lenda esquecida.